

# As transgressões dos valores sociais no Brasil Colonial: reflexões sobre a mulher no romance *Os Rios Turvos* de Luzilá Gonçalves

Marliane da Silva Melo<sup>1</sup>

Sherry Morgana Justino de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho propõe uma reflexão acerca da mulher no contexto social e os valores que são construídos na Inquisição e no Brasil Colônia em *Os Rios Turvos* (1993) da escritora e pesquisadora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira. A análise focaliza a personagem Filipa Raposa, considerando os posicionamentos que foram impostos pela sociedade patriarcal, os quais são descritos nos eventos que aconteceram ao decorrer da narrativa. Analisa-se também o personagem Bento Teixeira, especulando os atos que legitimam e propagam o sistema patriarcal. Como principal resultado, percebemos que a personagem Filipa Raposa se comporta de maneira contrária à época. Para tal análise, usamos como base teórica o pensamento de Carr (1976), Tynianov (1976), Souza (2006), Gonçalves (1995), Ricoeur (2010), Brait (1990), Del Priore (2011), Araújo (2011) e Hanner (2003)

**PALAVRAS-CHAVE:** Os Rios Turvos; Luzilá Gonçalves; patriarcado; Inquisição, transgressão da mulher

**RESUMEN:** El presente trabajo propone una reflexión sobre las mujeres en el contexto social y los valores que se construyen en la Inquisición y en el Brasil colonial en *Os Rios Turvos* (1993) por la escritora y investigadora pernambucana Luzilá Gonçalves Ferreira. El análisis se centra en el personaje Filipa Raposa, considerando las posiciones que fueron impuestas por la sociedad patriarcal que se describen en los eventos que sucedieron durante la narración. También analiza al personaje Bento Teixeira especulando los actos que legitiman y propagan el sistema patriarcal. Como resultado principal, nos damos cuenta de que el personaje Filipa Raposa se comporta de manera diferente de la época de la Inquisición. Para tal análisis, utilizamos como base teórica el pensamiento de Carr (1976), Tynianov (1976), Souza (2006), Gonçalves (1995), Ricoeur (2010), Brait (1990), Del Priori (2011).

**PALABRAS CLAVE:** Los ríos turbios; Luzilá Gonçalves; patriarcado; Inquisición; transgresión de la mujer

---

<sup>1</sup>Graduanda em Licenciatura Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. e-mail: marlianesilva25@gmail.com

<sup>2</sup>Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Prof. Sherry Morgana Justino de Almeida. e-mail: [sherry.almeida@ufrpe.br](mailto:sherry.almeida@ufrpe.br)

## Considerações iniciais

A transgressão dos valores sociais se configura em ações que estão em contrariedade às ações de um determinado grupo social e ocorrem principalmente nas esferas de relações interpessoais, religião, costumes, entre outros. A principal temática que este trabalho propõe à reflexão é a da desigualdade de gênero e legitima-se enquanto objeto de estudo à medida que as desigualdades prejudicam o bem-estar da sociedade e no romance especificamente tendo o seu foco de estudo no período da Inquisição, como um momento de recrudescimento dessas relações opressivas.

A reflexão sobre a mulher no período colonial nasce com o intuito de aproximar o indivíduo como agente que participa e reconhece a história em que está inserido. O indivíduo que se reconhece como sujeito histórico, independente do tempo cronológico em que se encontra, é um ser capaz de transformar/ melhorar aquelas tradições e os costumes errôneos antigos.

Edward Hallet Carr afirma que 'a História é um diálogo interminável entre o presente e o passado' (CARR, 1976, p.54). Ela é uma ciência que nos ajuda a perceber esses erros e a conseguirmos fazer uma reflexão através do estudo da diacronia, assim analisando a evolução dos fenômenos num determinado período. Tendo em vista que a literatura e a história lidam com linguagem, memória e representação, propomos analisar a obra *Os Rios Turvos* (1993) de Luzilá Gonçalves Ferreira para entender como a memória e a história constroem seus discursos. E em específico, pontuar os processos históricos em que os personagens estão inseridos e de como a personagem Filipa Raposa se comporta de maneira transgressora à época.

O romance possui tom historiográfico por se tratar de enredo que recria diversos personagens da história nacional no período da Inquisição. A obra conta na sua narrativa a história de Bento Teixeira, "cristão-novo" refugiado da Inquisição, e sua esposa Filipa Raposa no contexto do período colonial, quando o patriarcado era uma expressão dominante da escrita historiográfica da época.

Durante o período da Inquisição no século XVI, o personagem Bento Teixeira sai de Portugal em busca de refúgio para o Brasil. É um personagem judeu (convertido ao cristianismo católico) que, pelas questões políticas da época, precisa obedecer às ordens da Igreja Católica.

Ele tem uma relação conturbada com sua esposa, Filipa Raposa, que, apesar dos costumes da época colonial, de que a mulher sempre deveria obedecer ao marido, comporta-se de maneira transgressora para o contexto de sua época apresentando seus desejos à mostra, opiniões e uma certa “liberdade” contrária às outras mulheres do mesmo período histórico.

*Rios Turvos* descreve os processos de refúgio desse cristão-novo que vai em busca de conquistar a elite pernambucana para uma nova vida fora de Portugal. Acreditamos que a leitura do romance permite pensar como a escrita literária pode contribuir para pensar a educação e a religiosidade do período histórico em que ocorre a narração. Além disso, corrobora para a reflexão sobre tabus criados sobre a mulher, a partir da narração de intrigas, da desigualdade de representatividade e liberdade social e, ainda, toda forma de castigos infligidos pela falta de obediência, em especial, ao gênero feminino.

Dessa forma, este trabalho quer analisar eventos que demonstram os processos de apagamento e silenciamento sofridos pelas mulheres no processo do Brasil Colonial e a explicitação das ideias da personagem feminina Filipa Raposa ao contrariar os dogmas e a fiscalização da Inquisição.

Para fundamentar esta leitura, utilizamos como base teórica Tynianov (1976), para apresentar a função verbal da literatura e o texto literário; Souza (2006) na observação da construção da narrativa da obra; Gonçalves (1995) para construir a análise dos fragmentos da obra; Ricoeur (2010) e Brait (1990) para focar o contexto da narrativa; Del Priore (2011), no contexto de sedução da mulher e na abordagem da obra em contextualização com o período da inquisição; Araújo (2011) para entender processos de vigilância da sexualidade feminina da época e Hanner (2003) na comparação entre a educação da mulher no período colonial e a contemporaneidade.

Dividimos o artigo em duas partes, além desta introdução e das considerações finais, a saber: “A obra literária na História” a qual busca compreender a função importante da obra literária na história das sociedades e na qual se analisam as vozes das pessoas marginalizadas, a narrativa da obra, o contexto político e as relações sociais. Há um breve olhar para o contexto histórico da Inquisição no qual os personagens estão inseridos e as problematizações dos atos inquisitórios sobre os hereges, e a parte seguinte é “Filipa Raposa, uma mulher diferente da narrativa do período da Inquisição” em que se discute o comportamento da personagem com destaque às suas transgressões ao silenciamento e apagamento da mulher impingidos pela sociedade patriarcal.

## **A OBRA LITERÁRIA NA HISTÓRIA**

A literatura tem função importante na compreensão da história das sociedades, pois oferece uma perspectiva mais interna, contextualizada e diversificada dos fatos históricos e da sociedade que os vivenciou pela perspectiva de um/a autor/autora que é, antes de artista, cidadã/o. Por isso, ela apresenta um papel importantíssimo na preservação da memória cultural e coletiva. Por meio das obras literárias na sociedade, evidenciam-se as principais raízes culturais de um povo num determinado período histórico.

Ademais pode dar vozes às pessoas marginalizadas, ou seja, pessoas que estão à margem da sociedade e esquecidas na história oficial. E em seu contexto sociocultural no intermédio de personagens, narrativas, a literatura pode representar as condições de vida, a hierarquia das sociedades, o contexto político e as relações sociais os quais permitem a observação da realidade, de valores, sentimentos e visões de mundo da época.

Além de a literatura apresentar uma “função verbal” em relação à vida social, as personalidades literárias e/ou as personagens de uma obra interagem socialmente, através da apropriação por parte dos leitores da linguagem poética expressa nessas obras e pelos costumes/hábitos apresentados pelos autores e personagens. (TYNIANOV 1976:114-116)

Começamos por observar o que diz Souza (2006) a respeito da história da literatura:

Integralidade narrativa; esforço de reconstrução dos eventos segundo sua dinâmica específica; tentativa de explicação de uma época com base nos seus antecedentes e de acordo com condicionamentos ou determinantes psicossociais, políticos, econômicos, religiosos, linguísticos, etc.; atenção exclusiva aos produtos escritos no vernáculo de cada país, abstraídos, portanto, aqueles que, mesmo oriundos do território nacional, foram redigidos em língua clássica, documentando desse modo fase anterior à constituição do Estado nacional. (SOUZA, 2006:91)

Visto que a narrativa literária pode ser um esforço de reconstrução de eventos da história, a autora Luzilá Gonçalves reconstrói em *Os Rios Turvos* (1993) a memória histórica da Inquisição no período colonial brasileiro. Convém lembrar que a Igreja Católica, na Idade Média, foi a principal responsável por castigar hereges tidos como “sujos” pelo pecado; praticantes do que se acusava ser bruxaria, ou acusados de blasfêmia e aqueles que viviam fora da doutrina cristã imposta pela mesma.

A Inquisição no Brasil foi um período marcado pelo movimento político-religioso da história quando havia a defesa de um Estado que combatesse as heresias, ou seja, dogmas diferentes dos impostos pela Igreja Católica. A Intolerância Religiosa estava intercalada aos que seriam contra a monarquia ou a igreja. Ela atuou principalmente na Europa, mas também teve reflexos na colônia no século XVI, especialmente na América Latina.

Na Europa foi responsável pela perseguição e punição de pessoas consideradas hereges, judeus, muçulmanos, bruxas e protestantes. No Brasil tinha como objetivo manter a ortodoxia católica, ou seja, manter a fé cristã como única correta e reprimir qualquer forma de dissidência religiosa. Seus reflexos levavam à conversão ao catolicismo ou à prática de uma religião em segredo através do sincretismo (que hoje também está presente nas religiões de matrizes indígenas ou africanas, por exemplo, revelando outras camadas das opressões e violências coloniais).

Anita Novinsky (1985) pontua que os julgamentos da Inquisição eram baseados em acusações contra a fé e os dogmas católicos, e o fato de não poder

exercer outro tipo de religião que seria caracterizado como heresia. Dentre as punições da inquisição estava o método de execução brutal, através da fogueira. O acusado era julgado sem a defesa de um advogado e com evidências insuficientes para ser queimado vivo atado a uma estaca, evidenciando a violação dos direitos humanos e da liberdade de crença.

Havia um regimento chamado de Tribunal do Santo Ofício, oriundo de Lisboa, onde se estabeleciam audiências, confissões a respeito da desobediência às leis da igreja. A Companhia de Jesus representou um papel importantíssimo no que diz respeito à evangelização e expansão do catolicismo pelos jesuítas.

De acordo com Souza (2006), as perseguições destes indivíduos poderiam agradar aos ibéricos, mas tal atitude era mal vista por outros reinos europeus, pois a religião poderia justificar as atitudes de um rei. A política monárquica demonstrava que o apoio à igreja com o poder religioso seria um motivo de demonstração da hipocrisia, pela chantagem de seus sucessores. A defesa da fé cristã começou através da criação de um Tribunal do Santo Ofício pelo Rei Jaime I, através da solicitação ao papa para aplicar tais castigos na região de Aragão e a primeira instituição com o objetivo de combate às heresias foi a ordem dominicana criada por Domingos de Gusmão, em 1219.

Apertando cada vez mais o “cordão sanitário”, apavorando o povo com o risco de contágio com ideias estrangeiras, a Inquisição impediu Portugal de acompanhar o progresso científico e cultural da Europa, levando-o para um obscurantismo do qual tenta sair até hoje. (NOVINSKY, 1985, p. 55)

O iluminismo estava inserido no que se considerava progresso científico através do seu movimento intelectual no século XVII. Defendia a razão, a ciência e a liberdade individual. Porém, devido ao regime inquisitorial contrário e imposto pela época com ideias conservadoras e de repressão, foi impossível alcançar um progresso humano por meio da razão e da educação.

O trecho abaixo aborda uma reconstrução da memória de práticas inquisitivas e os devidos condicionamentos religiosos. A censura foi uma das principais abordagens percebidas, pois se constitui como a proibição/privação de o indivíduo

ter o seu repertório cultural expandido para além dos textos sagrados que a igreja permitia.

Ali o fora encontrar o Gaspar Rodrigues, e Bento nem tivera tempo de esconder o livro que se encontrava no Index.

—Que estás a ler aí? – perguntou o outro. Bento sentiu a hostilidade da voz:

—Nada que te possa interessar — falou, escondendo o livro às costas. O outro replicou, triunfante:

—Está no Index. É a Diana, de Montemayor, um livro proibido.

(FERREIRA, 1993, p.30)

Além disso, pode-se observar a questão moral da igreja e a fé que cada indivíduo possui sendo questionada. O caráter do personagem Bento pode estar sendo “definido” pela leitura desse livro de Montemayor, porque sua leitura é vista como uma verdadeira ameaça aos dogmas cristãos e poderia levá-lo a ser excomungado da partilha e dos direitos da filiação cristã que professou.

É importante saber que existia o *Index Librorum Prohibitorum*, uma lista de livros que eram proibidos de serem lidos na época da inquisição. Tal livro tinha como principal objetivo censurar obras que não fossem de acordo com o pensamento da igreja católica, como também recomendava que fossem queimadas na fogueira inquisitorial.

Já o seguinte trecho é importante para evidenciar uma das principais características do Barroco no Brasil do séc. XVI e sua forte expressão na religiosidade. Dessa forma, o personagem Bento aponta em sua fala o conflito entre o sagrado (divino) e o profano (atos que seriam vistos como impuros), demonstrando, assim, uma espécie de dualidade de pensamento que regia suas ações.

(...) Culpou-se então pela própria malícia, pela maldade que os padres tanto diziam existir nos corações, pela desconfiança que lhe deviam suscitar sempre as mulheres, segundo afirmavam eles.

—Toda a maldade provém delas —diziam.

—Foi por elas que o pecado veio ao mundo.

—Foi Eva que tentou primeiro ao nosso pai Adão.

—Guarda-te, Bento, das pessoas do sexo.

Durante anos temera as mulheres. (FERREIRA,1993, p.62)

As situações mencionadas nos mostram que o indivíduo, na busca da sua salvação, tinha como forte instrumento a imprensa utilizada pelas instituições de caráter religioso como: bíblias; livros sobre o catecismo, etc. Diana, de Montemayor por se tratar de um livro sobre paixões; abuso do sentimentalismo e lágrimas, além de relatar a postura da personagem com os homens, surpreendia Gaspar Rodrigues. Tais características, nos levam para a questão: por que um livro não poderia ter uma narrativa mais feminina? Eis a questão de reconhecer, mais uma vez, a história da literatura e o passado, quando a mulher era apagada na escrita literária e que, atualmente, vem sendo lembrada e tomando força na literatura autoral feminina. Fatos como estes nos levam a refletir a ausência de direitos das mulheres (e de outros grupos sociais) naquela época.

No período colonial, quando se inicia também a formação da educação brasileira, temos a marca da educação por padres (jesuítas). Nesse momento histórico, as mulheres não tinham acesso ao letramento, tal ensinamento sobre leitura e escrita estava reservado para os homens da elite. A escola, tardiamente, apenas inseriu a mulher no contexto educacional para uma formação de trabalhos manuais, nos quais aprendiam a bordar e a costurar. Isso revela a força do machismo naquela época, pois a mulher produzia e fazia aquilo que fosse destinado ao costume da casa. Seu papel estava voltado apenas ao lar e à família. De acordo com a leis portuguesas, o sexo feminino pertencia ao *Imbecelitus Sexus*, ou seja, um sexo imbecil e frágil que abarcava a categoria de crianças, mulheres e doentes mentais, e, em relação específica ao gênero feminino, sua honra devia-se ao seu silenciamento e à obediência.

O fato de que a mulher esteja descrita como detentora do pecado está ligado à interpretação institucional de passagens bíblicas como: “O pecado trouxe a maldição da sujeição da mulher ao homem” (BÍBLIA, Gen. 3:16). A sociedade via a mulher como um símbolo “diabólico” (apesar de criar-se o contraponto de modelo ideal a seguir que seria a mãe de Jesus), pois a mulher foi quem “incentivou” Adão a comer do fruto proibido. Interpretações como essas foram utilizadas, e ainda hoje o são, como pretexto para construção de um discurso de controle das ações das

mulheres, representadas como seres que precisam ser controladas, para que não se constituam ameaça à perpetuação da estrutura patriarcal e machista.

Bento refazia o processo obedecendo à hierarquia do feudo eclesiástico, ele sempre que necessário se afastava de Filipa. Estava descrito o processo de hierofania (manifestação do sagrado e profano) por uma verdade e hipótese em mesclagem da crença e obediência.

Ele deu um passo em direção de Filipa, que saltou da cama:

– Não ousarás me tocar.

O brilho dos olhos dele se fez mais intenso na semiclaridade do quarto:

– Não só te tocarei, como farei de ti o que quiser.

– Não o farás.

Ele cuspiu:

– Tenho mais força do que tu. E me autoriza a Igreja a te tomar como me aprover.

Agora és minha mulher diante dos homens e diante de Deus.

(FERREIRA, 1993, p.114)

É importante observar o processo de “reificação” da mulher como objeto sexual. Por ora, Bento se afasta de Filipa por ser vista como incentivo das decisões erradas que toma enquanto está à frente da igreja e por outra vai atrás da mesma para satisfazer os seus desejos, porque está agora casado e assim a igreja o “permitiria”.

Na literatura contemporânea, vemos que nós, agentes do processo histórico e mais críticos sobre a condição das mulheres, não aceitaríamos personagens contemporâneos com a postura de Bento em relação à Filipa, pois a cultura patriarcal atribuiu normas e valores sociais tradicionais com papéis específicos para homens e mulheres. Durante muito tempo, o homem se responsabiliza pelas decisões importantes e a mulher na manutenção da família.

Além disso, as instituições sociais, como a religião e a lei, também têm sido justificadas para justificar a subordinação da mulher ao homem patriarcal, e no caso de Bento, isso se especifica detalhadamente na narrativa do romance. A religião o vê como o gênero dominante e que as mulheres devem obediência a seu marido, além de comportamentos e atitudes sexistas que perpetuam estereótipos de gênero colocando a mulher como um sexo “frágil”.

Paul Ricoeur aponta que “compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do fazer e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas” e explica ainda que, no âmbito dessa tradição, cada ação elegida para compor o enredo está diretamente “articulada em signos, regras, normas: está, desde sempre, simbolicamente mediatizada” (RICOEUR, 2010, pp.100-101).

Filipa está sendo forçada a ter relações sexuais, o que seria abuso sexual pela tentativa de toque sem consentimento, e também sendo torturada psicologicamente pelas falas, como pode ser fisicamente pela força que ele possa exercer. Isso mostra na literatura as mudanças construídas na significância da historicidade, ou seja, os fatos de acordo com o passar do tempo irão se modificando e criando novos significados. Portanto, é de suma importância que se reconheça não somente na história como no conhecimento científico, e também através da ficção (o modo como a literatura está sendo apresentada), as realidades do passado para que possamos refletir o futuro. Nesse ponto, poderíamos mudar realidades e reflexões acerca do machismo, violência contra a mulher, etc.

Percebe-se que Filipa, personagem principal, não é tão vista no enredo como Bento. Quando a mesma aparece, sempre está sendo criticada pelas suas atitudes em desconformidade com seu marido. Portanto, algumas vezes, a mesma irá se comportar de uma maneira diferente em alguns trechos da obra em relação à narrativa histórica da Inquisição.

## **FILIPA RAPOSA, UMA MULHER DIFERENTE DA NARRATIVA HISTÓRICA DO PERÍODO DA INQUISIÇÃO**

A narrativa ficcional do romance em terceira pessoa, como aborda Brait, aponta para uma melhor descrição dos fatos. Na perspectiva dessa narrativa, Filipa Raposa seria uma mulher à frente do período histórico representado no tempo/espaço. Sua atitude corrobora para o século XX, quando as mulheres começaram a se expressar e a mostrar a visão sobre os acontecimentos sociais.

[...]o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto, uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens. (BRAIT, 1990, p. 53).

O período colonial silenciou e apagou a mulher da sociedade e dos seus ideais políticos. A personagem, apesar de ser vista na literatura ficcional da obra como uma personagem que faz parte do enredo apenas como esposa de Bento, na história contemporânea seria um indivíduo que vai à luta de seus interesses e ousa propor uma mudança na posição hierárquica da época se comportando fora do padrão imposto.

Apesar de tantas advertências, a mulher sempre quis seduzir, fazendo-se bela. Se a Igreja não lhe permitia tal investimento, a cultura a incentiva a forjar os meios para transformar-se [...] O investimento maior concentrava-se no rosto, lugar por excelência na beleza. As outras partes do corpo, com exceção dos pés, eram menos valorizadas. Consequência direta dessa valorização, o embelezamento facial recorria a certa incipiente técnica cosmética. A preocupação maior era, em primeiro lugar, tratar a pele com remédios. Seguia-se a maquilagem com pós, “bisuntos” e “tintas vermelhas e brancas”, como já se viu. (DEL PRIORE, 2011, p. 29-30)

Os interesses individuais que a personagem aborda na narrativa, assim como a demonstração de querer uma sexualidade ativa irão remetê-la ao uso de uma linguagem retórica, ou seja, se destaca a metáfora presente em seu nome, como Filipa Raposa, um termo que faz intertextualidade a um animal feroz da natureza e que no dicionário significa um animal de boa sorte, beleza, independência, inteligência, malícia e proteção. O fato de que a mulher no período colonial não poderia mostrar a sua beleza, vaidade e luxúria, pois se o fizesse se posicionava contra as leis da igreja. Na intertextualidade seria um dos sete pecados capitais descritos na bíblia que tinham como objetivo o intuito de educar os cristãos.

A beleza de Filipa era tida como um grande artifício e causa de grandes episódios de ciúme por Bento, mas, ainda assim, Filipa não escondia a sua vaidade e o fato de sempre querer estar presente nas atividades sociais.

Na tarde mesma da festa que anunciava aos parentes o contrato assumido entre as famílias e entre os dois, Filipa lhe falara do seu desejo de não aguardar o dia de bodas para que se consumasse a entrega mútua que fariam dos seus corpos.

Ele reagira:

- Ensandeceste, Filipa.
- Por que ensandeci?
- É mister que aguardemos a bênção da Igreja.
- Que tem a Igreja a ver com isso?
- É preciso se conservar puro, até lá.

- Puro? Que queres dizer com isto, Bento? Crês que nos sujamos, se o fizermos?
- Não é isso, Filipa, e tu o sabes bem. Por que apressar as coisas? Tudo tem seu tempo sobre a terra, foi o próprio Salomão que o disse. Tempo de abraçar, tempo de afastar-se de abraçar.
- Citas o Velho Testamento, Bento. Mas eu pertenço à Segunda Aliança, e te citarei o Novo Testamento: não tornes imundo o que Deus purificou. – Estás a distorcer as coisas. O apóstolo Paulo, ao escrever estas palavras, não falava disso. (FERREIRA, 1993, p.81)

O contrato de casamento era dado apenas de pai para filha, do séc. XVII até a metade do século XX, mas com a personagem Filipa foi de acordo com sua espontaneidade. A mulher sempre se ocupava de um lugar secundário no matrimônio. Seu lugar estava reservado desde jovem a ser uma boa filha que obedece ao seu pai, e conseqüentemente uma boa esposa e dona de casa. O casamento arranjado pelo pai seria como uma espécie de repasse de riqueza para as futuras gerações, para que não se deixasse morrer a “herança” dos seus genitores e preservasse a estrutura social portuguesa. Ademais, anulava qualquer tipo de sentimento que o indivíduo pudesse ter sobre outra pessoa que não fosse a escolhida pelo patriarcado.

O gênero feminino não obtinha direito à escolha e poder de decisões legais, visto que tudo seria controlado pelo marido. Bento indaga sua esposa sobre o fato de que está enlouquecendo por contrariar as leis do testamento que também se volta à questão do puritanismo e se esquece que a mesma não tinha origem no judaísmo como ele.

[...] Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluir para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. (ARAÚJO, 2011, p. 45)

O puritanismo na concepção de guardar-se para os dias de bodas seria uma questão de que a mulher pertencia apenas ao seu marido e seria uma garantia da não obtenção de filhos fora do seu casamento, ou seja, uma maneira de não repassar a herança para outros que não fossem da mesma família sanguínea/classe e o que seria chamado de “dispositivo de aliança” em a História da Sexualidade I: A

Vontade de Saber (1976), que Foucault defendia. Ademais, se fosse descoberta a perda da sua virgindade antes do casamento, tal homem que a tirou seria obrigado a casar com esta moça. Além disso, a mulher colonial tinha pouco ou nenhum controle sobre sua vida sexual, sendo esperado que ela se abstinhasse de relações sexuais antes do casamento, pois toda relação sexual era destinada somente à procriação.

A infidelidade era condenada socialmente e poderia ser motivo para divórcio, porém, somente o marido tinha o poder de solicitar o divórcio. Toda “irregularização” da sexualidade no período colonial seria regularizada por meio do casamento (dado somente à elite), pois seria uma espécie de aliança a partir do envolvimento de Deus na relação.

No Brasil, a educação das meninas permaneceu atrasada em relação à dos meninos. A leitura das mulheres, como o mercador britânico John Luccock registrou em 1808, “não devia ir além dos livros de orações, porque seria inútil à mulher, nem deveriam elas escrever, pois, como foi justamente observado, poderiam fazer um mau uso desta arte” [...] (HANNER, 2003, p. 56)

Filipa Raposa estaria inserida na contemporaneidade em temas feministas por seus enfrentamentos às questões sociais. A personagem começa a dar aulas para sustentar a casa, juntamente com o seu marido. Tal ato fazia com que o clero tivesse um certo medo de que essa postura incentivasse outras mulheres a escrever e a mudar seu destino através da educação e autonomia, ainda que nenhuma mulher na época obtivesse o direito ao trabalho e remete para o direito da educação da mulher que começa a ser conquistado somente no período do Império (1822-1889).

– Não reconhecestes pois, ó meu pequeno judeu, são as palavras mesmas do teu ancestral David.

Era a primeira vez que o chamava assim. Sentiu-se insultado.

– Filipa, como podes falar desta maneira a teu marido, a quem jurastes fidelidade e obediência, diante de Deus e dos homens?

– Não me fales de obediência. Também tu juraste me amar e a me ajudar, e quando queres podes viajar a qualquer parte, e me deixas só o dia inteiro, e nem pensas no juramento que fizeste. Diante de Deus e dos homens.

– Filipa, sabes muito bem que seria penoso que caminhasses a lombo de cavalo até a vila de Itapissuma, em meio à mata, te ferindo nos espinhos, queimando teu rosto ao sol, curtindo a sede.

– Mais me fere tua indiferença. Vivo a teu lado como se fosse tua irmã.

(FERREIRA, 1993, p. 138-139)

A personagem Filipa Raposa ao contrário da época histórica da Inquisição e do regime patriarcal, nesse trecho está batendo de frente com Bento Teixeira em relação aos seus preceitos errôneos e a forma de agir do seu marido. De acordo com Françoise Verges (2020), o feminismo de política decolonial não tem por objetivo melhorar o sistema vigente, mas combater todas as formas de opressão, onde o fazer justiça para as mulheres significa justiça para todos. Filipa começa a de(s)colonizar costumes preservados antes pelo patriarcado na narrativa do romance, pois ela começa a valorizar os saberes e práticas das mulheres e a colocar seus discursos, que antes foram historicamente marginalizados, apagados e desvalorizados pelo colonialismo.

### **Considerações finais**

Este estudo foi feito em busca de compreensão sobre os reflexos dos processos históricos na narrativa literária e as formas de poderes diversos que são lançados à mulher.

A leitura das ações da personagem Filipa Raposa nos possibilitou entender como o patriarcado, a desigualdade social e a perda de direitos descritos na narrativa da obra ferem o respeito à dignidade humana, e como essas questões foram refletidas através dos atos de submissão da mulher no Brasil Colonial.

A reflexão deste trabalho visou contemplar o indivíduo como agente que participa e reconhece a história em que está inserido, pois há diversos temas, tabus inseridos na narrativa que abrangem reflexos que ainda estão visíveis na nossa contemporaneidade. Ademais, em virtude dos fatos mencionados, observou-se como a educação e o acesso à informação histórica conseguem mudar tanto a realidade das mulheres quanto a representação das personagens mulheres na literatura e na arte, de forma geral, em relação ao estado de submissão que as épocas históricas impõem.

Levando-se em consideração os aspectos abordados na obra sobre a religiosidade, a obra nos permitiu analisar como o impacto da obediência à crença, e mais que ela, aos dogmas católicos erigidos por interesse de poder político marcou os estilos de convivência e comportamento na sociedade, pois tudo estaria interligado ao pecado e este o levaria para a Inquisição.

*Rios Turvos* permite entender a estrutura patriarcal através de sua narrativa e aponta a mulher como transgressora a um regime totalmente conservador e violento onde as mulheres foram silenciadas e marginalizadas no decorrer da história do Ocidente.

## Referências

- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios)
- BEZERRA, Juliana. Inquisição: o que foi, características e Santo Ofício. Toda **Matéria**,2015. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/inquisicao/>. Acesso em: 27 agost. 2023
- CARR,E. H. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1976.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. **Os Rios Turvos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993
- HANNER, June Edith. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher, 1850-1940**. Trad. Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003
- NOVINSKY, A. W. **A Inquisição**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985
- SOUZA, Roberto Acízelo de. **Formação da teoria da literatura**. Inventário de pendências e protocolo de intenções. Rio de Janeiro: UFP, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SIQUEIRA, Sonia. **O poder da Inquisição e a Inquisição como poder**. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano I, n. 1, São Paulo, 2008.
- SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Para remédio das Almas: Comissários, Qualificadores e Notários da Inquisição Portuguesa na Bahia (1692-1804)**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- TYNIANOV J. Da evolução literária. EINKHENBAUM, B. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1976.
- VERGÈS. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.